

A estrutura da vida inteira e os embaraços da alienação

03/05/2005

José César dos Santos*

Ao mesmo tempo em que a vida cotidiana “é a vida de todo homem” e de toda mulher, as pessoas de um modo geral não conseguem viver apenas na cotidianidade. A totalidade desta vida, que se traduz na utilização de todas as habilidades humanas, acaba sendo uma espécie de um uso do “todo em parte”. Deve-se isto em grande medida ao caráter heterogêneo desse estilo de vida, tanto em relação aos seus conteúdos quanto aos seus significados (MAFFESOLI, 1995).

Compõem-se de partes orgânicas, tais como: trabalho, vida privada, lazer, descanso, vida social, trocas e intercâmbios, purificação. Mas, também existe uma dada hierarquia, variável de acordo como as diversas estruturas econômico-sociais. Em certas épocas históricas, o cotidiano, gravitava em torno da organização do trabalho. A “normalidade” da forma como encaramos é resultado da complementação entre heterogeneidade e ordem hierárquica das partes orgânicas constituintes do universo da cotidianidade.

Ser “adulto” implica numa capacidade de manipulação das coisas e das relações sociais, suas formas de intercâmbio, através de grupos primários como a família, a escola comunidades de origem. Há uma intensa mediação realizada por esses grupos de contato face-a-face.

Heller (1992, p. 20) afirma que “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas, no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social”. Mesmo assim, as façanhas históricas têm efeitos sobre a cotidianidade, sobre a vida do indivíduo, que é, ao mesmo tempo, particular e genérico, “[...] mas um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade” (HELLER, 1992, p. 20). A assimilação do social é em cada caso “irredutível” e “única”, embora o traço genérico também esteja contido em toda criatura. Por exemplo, o trabalho é sempre atividade de todo gênero humano, mesmo que possua múltiplas motivações particulares.

Sentimentos e paixões são humano-genéricos. Não se pode falar neste caso de homem sozinho. É sempre o ser interligado, em interação, seja na tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade. A teleologia do humano-genérico não se orienta para o “eu”, e sim, para o “nós”. O indivíduo e a individualidade conjugam a particularidade e o humano-genérico, este sendo passível de uma apropriação consciente ou inconsciente. Cada pessoa desenvolve-se em função de sua liberdade de fato e de suas possibilidades de liberdade.

Grande parte das pessoas costuma vivenciar uma **muda** unidade entre particularidade e genericidade. Os choques geralmente não ficam explícitos na vida cotidiana, mas está longe de significar que a particularidade entre num movimento de submissão aos processos de solidificação e objetivação da cultura. Há mais possibilidade de ocorrer o inverso: necessidades e interesses de integração social a serviço dos afetos, desejos e egoísmos.

Ao vislumbrar uma provável “vitória” da particularidade, recorre-se ao expediente da ética, que encarada como motivação individual, envolve aspectos e julgamentos dentro de uma perspectiva moral. Funciona como elemento inibidor da estrutura da vida cotidiana, que está repleta de alternativas, sendo algumas de matriz moral, outras não. Uma questão que destaca a partir deste ponto é: **quanto maior a moralidade menor a cotidianidade?**

Na perspectiva de Heller, a resposta nesse caso é positiva. Em sentido contrário a isso, podemos perceber uma série de situações que prescrições morais não impedem nem diminuem o vitalismo cotidiano. A igreja católica é prova viva disso, pois, embora categoricamente proíba o uso da camisinha, seus encontros de juventude registram um uso intensivo do preservativo.

A motivação pela moral é produto da motivação pelo humano-genérico, mas ninguém é capaz de elevar-se totalmente acima da cotidianidade, pois acaba atuando como indivíduo concreto. É difícil estabelecer uma “muralha chinesa” entre as esferas da cotidianidade e da moral. Só os moralistas utilizam motivações morais “puras”, mas só no discurso. Em certos casos, pode acontecer uma assimilação de uma perspectiva moral no cotidiano, de uma forma espontânea (HELLER, 1992).

Diante desse hibridismo, brota uma outra questão: *como posso dizer que o cotidiano funda a vida social?*

Um comportamento predominantemente moral exigiria que concentrássemos todas as forças e atenção em cada decisão e atividade realizada, coisa completamente contraditória dentro da estrutura da vida cotidiana. O máximo de elevação moral levaria a um estado de catarse, inacessível para o grosso da humanidade.

Existem atividades humanas que produzem objetivações capazes de resultar numa elevação acima da cotidianidade, a exemplo a ciência, da arte e a política. Nem o cientista, nem o artista escapam à vida cotidiana. A paixão é também um momento de elevação nesse sentido, só que acaba dissolvendo-se gradativamente na força da cotidianidade.

A transformação do “homem inteiro”, que intervém na cotidianidade em “homem inteiramente” (LUCÁCS citado por HELLER, 1992, p. 27), quando a particularidade desaparece diante da atividade humano-genérica é um fato excepcional para a maioria dos seres humanos. A homogeneização rumo a este patamar só deixa de ser excepcional nos indivíduos que têm paixão pelo humano-genérico e têm também capacidade de realizá-la de fato, a exemplo dos moralistas, estadistas, cientistas, revolucionários e artistas. A tensão presente nessas pessoas é apenas relativa, porque possuem suas próprias vidas cotidianas.

Entre as características da vida cotidiana é necessário reservar um generoso espaço para a espontaneidade, embora existam diferentes níveis de acordo com o tipo de atividade cotidiana e do contexto de sua realização. O ritmo fixo, a repetição e a rigorosa regularidade estão ligadas a essa espontaneidade. Se refletíssemos a cada momento, isto impossibilitaria a maioria das nossas atividades diárias, comprometendo a produção e reprodução da vida da sociedade humana.

O provável é que nos guia de fato. A segurança científica, que se baseia no cálculo seguro, não pode ser adotada sistematicamente. Dentro dessa avaliação probabilística, é possível fazer muita coisa, embora não se esteja livre das “catástrofes cotidianas” (HELLER, 1992), como ser atropelado no simples atravessar de rua. Tanto no nível acima quanto abaixo, corre-se riscos ao exercitar o enconomicismo da vida cotidiana, a unidade entre pensamento e ação.

O que guia esse estilo é uma atitude pragmática em que “até mesmo os juízos e pensamentos objetivamente menos verdadeiros podem resultar corretos na atividade social” (HELLER, 1992, p.32). Apesar de não existir uma separação completa entre atividade cotidiana e práxis não-cotidiana, a fé e a confiança desempenham um grande papel para o conjunto das pessoas. Se para o médico não é suficiente acreditar no efeito terapêutico de um remédio, para o doente é. Quando o médico passa a agir baseado no

critério da confiança, transita para o plano da cotidianidade. Inversamente, se o indivíduo questiona ou rejeita um costume, uma superstição, extrapola o pensamento cotidiano.

A ultrageneralização compõe também o pensamento cotidiano, formando os juízos provisórios. Se cobrarmos juízos mais precisos, podemos frear a capacidade de ação. No entanto, os juízos provisórios podem vir a se tornar preconceitos, que seria uma espécie de "manejo grosseiro do singular" (HELLER, 1992). Nesse caso, é preciso organizar o singular em alguma universalidade. Há o perigo de **fossilização**, incorrendo-se num erro moral, como num tipo específico de ultrageneralização, que é analogia: "o juízo provisório de analogia pode se cristalizar em preconceito; pode ocorrer que não prestemos atenção a nenhum fato posterior que centraliza abertamente nosso juízo provisório" (HELLER, 1992, p. 35).

Os precedentes são bastante úteis no conhecimento das situações, mais do que de pessoas. Estruturam o pensamento e a ação da seguinte forma: "Outros agiram nessa situação em que me encontro desse ou daquele modo..."; "Já havia exemplos disso..." (HELLER, 1992, p. 36). Pode impossibilitar a captação do novo, provocando um efeito negativo ou destrutivo. Já a imitação ou mimese viabiliza todo um conjunto de atividades relacionadas ao trabalho, trocas e intercâmbios cotidianos, mas é preciso buscar o equilíbrio entre conservação e mudança. A entonação produz a marca da individualidade do sujeito nas interações sociais. É um tipo de ultrageneralização de caráter emocional, chamado "preconceito emocional" (HELLER, 1992).

Todos esses elementos são necessários à vida cotidiana, mas não devem "se cristalizar em absolutos" (HELLER, 1992). Devem permitir uma certa margem de manobra, caso contrário, há um processo de alienação às condições de possibilidade de desenvolvimento genérico da humanidade: "a vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação" (HELLER, 1992, p. 38).

Referências

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

***José César dos Santos** é professor da Faculdade IESP, Mestre em Ciência da Informação pela UFPB.